

---

## Leitura crítica das mensagens do Papa Francisco para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, entre os anos de 2014 a 2018<sup>1</sup> à luz da cultura do encontro e capacidade de escolha

Joana T. Puntel<sup>2</sup>  
Luís Henrique Marques<sup>3</sup>

### Resumo

Este artigo tem como escopo central apresentar uma leitura crítica a respeito das cinco mensagens do Papa Francisco, para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, entre os anos de 2014 e 2018. Essa leitura é feita, na primeira parte do texto, sob a perspectiva de duas categorias de análise presentes na visão do pontífice sobre comunicação: a cultura do encontro e a capacidade do ser humano de fazer escolhas ante os apelos midiáticos. Após valer-se de uma metodologia descritiva e analítica na leitura dos cinco documentos, na sua segunda parte, o artigo propõe orientações para reflexão e ação em vista de uma prática comunicacional que, na medida em que correspondam a essas duas categorias propostas pelo papa, vão ao encontro de uma visão genuinamente cristã da comunicação, tanto em nível de relações pessoais quanto no âmbito da grande mídia e, em particular, das redes sociais.

**Palavras-chave:** Papa Francisco; Dia Mundial das Comunicações; Cultura do Encontro; Mídia e autonomia de pensamento.

### Introdução

Como um dos frutos concretos do Concílio Vaticano II (1962-1965), publicado no dia 4 de dezembro de 1963, o decreto *Inter mirifica* é um pequeno documento (de apenas 24 parágrafos) que trata de questões relativas à comunicação social, mais especificamente da relação da Igreja com os meios de comunicação, com indicações de normas para o uso desses meios, tendo em vista a formação de uma consciência reta sobre a informação e a construção da opinião pública e sobre os deveres e missão os operadores dessa área.

Além do *Inter mirifica*, o Vaticano II – iniciado sob a direção do papa João XXIII e concluído pelo papa Paulo VI, que assumiu o papel de líder universal da Igreja após falecimento do seu antecessor – gerou outros oito decretos, de um total de 16 documentos conciliares, cada um dos quais sobre uma temática diferente. O decreto

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Religião. XIX Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências da Comunicação. Docente no Serviço à Pastoral da Comunicação (SEPAC), e-mail: joana.puntel@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutor em História. Docente do Curso de Jornalismo da Universidade Paulista (Unip). e-mail: luismarques.sp@gmail.com.

---

*Inter mirífica* é o responsável pela instituição do Dia Mundial das Comunicações cujas mensagens de 2014 a 2018, de autoria do papa Francisco, são o objeto de estudo deste trabalho.

### **Metodologia de análise**

De modo não limitar-se à mera descrição de ideias do papa Francisco nas cinco mensagens do Dia Mundial das Comunicações analisadas neste estudo, mas estabelecer uma lógica razoável de leitura e avaliação de suas ideias, estabelecemos dois critérios fundamentais para análise desses documentos as quais serão mais bem apresentadas a seguir, no decorrer da própria análise: a cultura do encontro e a capacidade do ser humano de fazer escolhas ante os apelos midiáticos, ambas categorias bastante presentes não só nesses textos, como em outros documentos produzidos por Francisco desde o início do seu pontificado.

Por ora, basta dizer que a cultura do encontro é um elemento vital para a identidade da Igreja e para a qual a sua experiência comunicativa, quer em nível de relações pessoais, quer em nível de relações mediadas pelos meios de comunicação social, deve ter como meta, conforme o papa Francisco. Da comunicação, entendida aqui como relação entre as pessoas (e não a simples difusão de informações), nasce e se perpetua a Igreja e sua missão redentora. Trata-se de uma cultura segundo a qual, na Igreja, as pessoas devem se sentir acolhidas, fraternalmente unidas, tal qual uma família. “A Igreja deve ser o lugar da misericórdia gratuita, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados perdoados e animados a viverem segundo a vida boa do Evangelho” (*Evangelii Gaudium*, n. 115).

O condicionamento a uma cultura midiaticizada é também motivo de crítica do papa Francisco, como acena na Carta Encíclica *Laudato Si'* ao afirmar que dinâmicas dos *mass media* e do mundo digital, “quando se tornam onipresentes, não favorecem o desenvolvimento de uma capacidade de viver com sabedoria, pensar em profundidade, amar com generosidade”, o que, em outras palavras, implica a não autonomia plena da pessoa em relação ao pensamento da mídia, mas sua sujeição, em menor ou maior medida, aos condicionamentos que tais meios buscam impor à sua consciência. Não se trata, pois, da simples substituição do encontro presencial pelo uso excessivo de mídias

---

e novas tecnologias, mas de uma deturpação na construção do pensamento e de uma visão de mundo cujos valores preservem a dignidade humana.

Levando em conta essa postura propositiva de Francisco, a última parte deste trabalho se concentra em apresentar orientações concretas e positivas de ação pastoral que correspondam a essas duas categorias propostas pelo papa. Tais proposições, pelo próprio significado universal da reflexão de Francisco, conforme argumentamos anteriormente são, enfim, subsídio para novas reflexões sobre a prática comunicacional no seu sentido mais amplo de sua interferência na vida em sociedade, como no âmbito da experiência mais especificamente religiosa.

### **A cultura do encontro**

As temáticas que perpassam as cinco mensagens do Papa Francisco para o Dia Mundial das Comunicações, celebrados anualmente (2014-2018), concentram-se em dois pontos focais, conforme apontamos anteriormente: a cultura do encontro e o apelo-convite para que o ser humano usando a sua capacidade de fazer escolhas, possa discernir, optar, seja “senhor” de suas decisões na opção pelos valores que o dignifiquem como ser humano.

Entendendo e abordando o conceito de cultura, no seu aspecto antropológico, que inclui não somente conhecimentos, mas crenças, arte, moral, leis, costumes, enfim o que o ser humano vive com seus hábitos adquiridos, como membro de uma sociedade, Francisco aborda e, praticamente, insiste na cultura do encontro, já característica e presente em todos os seus discursos. No contexto das mensagens para o Dia Mundial das Comunicações, o papa reflete a cultura do encontro no ambiente da cultura midiática, pois, embora reconheça que vivemos em um ambiente globalizado e sempre mais interdependente, é justamente neste contexto que os meios de comunicação “podem ajudar a sentir-nos mais próximos uns dos outros; a fazer-nos perceber um renovado sentido de unidade da família humana”. Afinal, “uma boa comunicação ajuda-nos a estar mais perto e a conhecer-nos melhor entre nós, a ser mais unidos”.

Longe de parecer um paradoxo: sobre a “cultura do encontro” no mundo da comunicação, tão complexo, frequentemente confuso, Francisco ousa afirmar que “precisamos harmonizar as diferenças por meio de formas de diálogo, que nos permitam crescer na compreensão e no respeito. A cultura do encontro requer que estejamos dispostos não só a dar, mas também a receber de outros” (2014).

Prosseguindo na temática e incentivo para viver uma “cultura do encontro”, Francisco explica que gosta de compreender a comunicação “em termos de proximidade”. O papa mesmo explica como se manifesta a proximidade e faz referência à parábola do bom Samaritano, que considera também como uma parábola do comunicador, pois “na realidade, quem comunica faz-se próximo”. Na narrativa bíblica do samaritano

[ele] não só se faz próximo, mas cuida do homem que encontra quase morto ao lado da estrada. Jesus inverte a perspectiva: não se trata de reconhecer o outro como um meu semelhante, mas da minha capacidade para me fazer semelhante ao outro. Por isso, comunicar significa tomar consciência de que somos humanos, filhos de Deus.

Se estamos verdadeiramente desejosos de escutar os outros, então aprenderemos a ver o mundo com olhos diferentes e a apreciar a experiência humana tal como se manifesta nas várias culturas e tradições

### **Uma comunicação que favoreça a cultura do encontro**

Uma comunicação construtiva, que promova a cultura do encontro, deveria buscar concretizar, progressivamente, elementos fundamentais da constituição humana, apontados pelo papa Francisco como essenciais para essa mesma cultura do encontro. Assim que, é por meio do diálogo que se pode harmonizar as diferentes visões sobre fatos e pensamentos, e que, realmente, fazem “crescer na compreensão e no respeito” (2014). Saber inserir-se no diálogo com homens e mulheres de hoje para compreender os anseios, dúvidas, esperanças, já nos solicitava o documento *Gaudium et Spes*, do Concílio Vaticano II. Este eixo de abertura teve continuidade na evangelização contemporânea, direcionando os seus esforços, naquilo que o documento *Evangelii Nuntiandi* (20) já chamava a atenção: “A ruptura entre o Evangelho e a cultura é sem dúvida o drama da nossa época, como o foi também de outras épocas. Assim, importa envidar todos os esforços no sentido de uma generosa evangelização da cultura, ou mais exatamente das culturas”.

Francisco está convencido de que a comunicação tem grande poder. Entre eles “o de criar pontes e, com o diálogo, favorecer o encontro e a inclusão enriquecendo

assim a sociedade”. Pois, dialogar, para Francisco, significa admitir que os outros também têm algo de bom para falar. E adverte: “dialogar não significa renunciar às próprias ideias e tradições, mas à pretensão de que sejam únicas e absolutas” (2014) O cuidado com as palavras, porém, é imprescindível, uma vez que elas podem construir pontes entre grupos sociais, povos, tanto fisicamente como no ambiente digital. Para Francisco, é preciso implementar um novo modo de falar, dialogar que tenham presente a misericórdia e que “nos ajudem a sair dos círculos viciosos de condenações e vinganças que mantêm prisioneiros os indivíduos e as nações, expressando-se através de mensagens de ódio” (2016). Shakespeare já se expressara eloquentemente: “A misericórdia não é uma obrigação. Desce do céu como o refrigerio da chuva sobre a terra. É uma dupla bênção: abençoa quem a dá e quem a recebe” (*O mercador de Veneza*, Acto IV, Cena I).

Como partes integrantes e qualitativas do diálogo, porém, está a acolhida e a escuta, elementos essenciais para um processo de comunicação de qualidade. Diz Francisco que “comunicar significa partilhar, e a partilha exige a escuta e o acolhimento (...) uma pessoa expressa-se plenamente a si mesma não quando é simplesmente tolerada, mas quando sabe que é verdadeiramente acolhida” (2014). Ouvir já é importante, mas diz respeito à informação. Escutar, entretanto, é bem mais profundo, refere-se ao âmbito da comunicação e, por isso, requer proximidade.

### **Apelo-convite para fazer escolhas**

O ambiente de comunicação pode ajudar-nos a crescer ou, pelo contrário, desorientar-nos, diz o papa Francisco. “O desejo de conexão digital pode acabar por nos isolar do nosso próximo.” Aspectos problemáticos, como a velocidade da informação, superam a nossa capacidade de reflexão e discernimento, não permitindo, muitas vezes, expressar-se de maneira equilibrada e correta. “A variedade das opiniões expressas pode ser sentida como riqueza, mas é possível também fechar-se numa esfera de informações que correspondem apenas às nossas expectativas e às nossas ideias, ou mesmo a determinados interesses políticos e econômicos.”

Assim que, diz Francisco, “o desafio que hoje se nos apresenta é aprender de novo a narrar, não nos limitando a produzir e consumir informação”, mesmo que é a isto que “os potentes e preciosos meios de comunicação contemporânea nos impelem”. Dentro do âmbito do ser humano e suas escolhas, é de grande importância compreender

que “narrar significa que as nossas vidas estão entrelaçadas numa trama unitária, que as vozes são múltiplas e cada uma é insubstituível” (2015).

O ser humano é o único capaz de fazer escolhas. Educar-se para não somente profissionalizar-se em produzir, por exemplo, boas notícias, mas saber distingui-las e/ou confrontá-las com os valores do Evangelho é algo que constitui o apelo convite do papa Francisco. Na mensagem de 2014, Francisco reflete que “a vida do homem não se reduz a uma crônica asséptica de eventos, mas é história, e uma história à espera de ser contada através da escolha de uma chave interpretativa capaz de selecionar e reunir os dados mais importantes”. Diz o Papa que tudo vai depender do olhar, “dos ‘óculos’ que decidimos pôr para a ver: mudando as lentes, também a realidade aparece diversa”.

### **Centralidade do ser humano**

Ao abordar o tema da comunicação, as últimas mensagens do papa Francisco têm desenvolvido uma temática que coloca, até com certa insistência, o ser humano como centralidade. Assim se expressou, no dia 25 de fevereiro/2019, aos participantes da assembleia plenária da Pontifícia Academia para a Vida, que está celebrando vinte e cinco anos de fundação e foram recebidos por Francisco no Vaticano.<sup>4</sup> "Justamente quando a humanidade possui capacidades científicas e técnicas para alcançar um bem-estar equitativamente difundido, observamos uma intensificação de conflitos e um aumento das desigualdades", disse Francisco. E acrescentou:

O desenvolvimento tecnológico nos permitiu resolver problemas até poucos anos insuperáveis. O "poder fazer" pode obscurecer quem faz e para quem se faz. O sistema tecnocrático baseado no critério da eficiência não responde às questões mais profundas que o homem se faz. Se de um lado não é possível dispensar seus recursos, de outro ele impõe a sua lógica a quem o utiliza. A evolução atual da capacidade técnica produz um encanto perigoso: em vez de entregar à vida humana os instrumentos que melhoram a sua cura, corre-se o risco de entregar a vida à lógica de mecanismos que decidem seu valor. Essa inversão está destinada a produzir resultados nefastos: a máquina não se limita a dirigir-se sozinha, mas acaba guiando o homem. A razão

---

<sup>4</sup>Antes de tecnologizar o homem, humanizar a técnica, diz Papa na *Academia para a Vida*. Disponível em: [www.gaudiumpress.org/content/101560-Antes-de-tecnologizar-o-homem--humanizar-a-tecnica--diz-Papa-na-Academia-para-a-Vida](http://www.gaudiumpress.org/content/101560-Antes-de-tecnologizar-o-homem--humanizar-a-tecnica--diz-Papa-na-Academia-para-a-Vida). Acesso 4 março 2019

---

humana é assim reduzida a uma racionalidade alienada dos efeitos, que não pode ser considerada digna do homem.<sup>5</sup>

O pontífice enfatizou que “a atual evolução da capacidade técnica produz um encantamento perigoso: ao invés de entregar à vida humana os instrumentos que melhoram o seu cuidado, corre-se o risco de entregar a vida à lógica dos dispositivos que decidem o seu valor”. E acrescentou que “nosso compromisso, intelectual e especialista, será um ponto de honra para nossa participação na aliança ética em favor da vida humana”.<sup>6</sup>

### **Busca da verdade**

O tema para o Dia Mundial das Comunicações de 2018 - “A verdade vos tornará livres” (Jo 8, 32). *Fake News* e jornalismo de paz”, do papa Francisco - inicia com um fundamento bíblico-teológico-antropológico sobre a comunicação. Vista a partir do “projeto de Deus, a comunicação humana é uma modalidade essencial para viver a comunhão”. Entretanto, se a pessoa, “orgulhosamente seguir seu egoísmo (...) pode usar de modo distorcido a própria faculdade de comunicar”. E isto provoca uma “alteração da verdade, tanto no plano individual como no coletivo”. O que significa dizer, em síntese, é a “falsidade”. Dado o contexto que vivemos no ambiente, sobretudo, digital, esta mensagem de Francisco é de extrema relevância para a reflexão dos cristãos, porque aborda aquilo que está se movendo assustadoramente, na sociedade hoje, que são as *Fake News* e a necessidade de um jornalismo de paz, à luz da verdade, nas palavras de Jesus “A verdade vos tornará livres” (Jo 8, 32).

As *Fake News*, comumente chamadas de “notícias falsas” (se é falsa, não é notícia; é boato) são divulgadas, na maioria das vezes pela internet, de modo extremamente rápido e eficiente. Muito comum receber *Fake News* no *WhatsApp* e nos *feeds* de notícias do *Facebook* e do *Twitter*.

O papa Francisco explica que os *fake News* fazem parte da “desinformação transmitida *online* ou nos meios de comunicação tradicionais”. Na mensagem, Francisco deixa claro que o ponto central não é apenas “contribuir para o esforço comum de prevenir a difusão das notícias falsas”, mas tem a ver com o próprio tema da verdade,

---

<sup>5</sup> Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/586976-papa-hoje-existe-o-risco-de-dar-vida-a-logica-das-maquinas-e-dos-dispositivos>. Acesso 26/02/2019.

<sup>6</sup> *Ibid.*

pois Francisco alude a informações infundadas, baseadas em dados inexistentes ou distorcidos”. Com efeito, hoje, instaurou-se “uma lógica da desinformação” “com objetivos prefixados”, entre os quais, a manipulação, a difamação, a falta de veracidade e, por isso, manipulação de opinião.

Um dos fatores da alta eficácia dos *Fake News* deve-se “à sua natureza mimética [isto é de imitação], ou seja, à capacidade de se apresentar como plausíveis”. Ou seja, elas imitam (mimetizam) outras notícias reconhecidas socialmente como fidedignas, mas falsificando seus formatos e conteúdos ou produzindo falsidades. São falsas, mas são verossímeis; são capciosas (captam a atenção dos destinatários). Exploram “emoções imediatas”, facilmente suscitam “a ansiedade, o desprezo, a ira, a frustração”.

Entre as dificuldades para desvendar e eliminar pela raiz as *Fake News*, está o fato para o qual Francisco aponta: “as pessoas interagem muitas vezes dentro de ambientes digitais homogêneos e impermeáveis a perspectivas e opiniões divergentes”. É uma lógica que explica o êxito da desinformação. Nesses casos, não há “um confronto sadio com outras fontes de informação” que poderiam colocar positivamente temas em discussão, abrindo-se para um diálogo construtivo. Infelizmente, estamos vivendo um comportamento beligerante em que se fomenta “o descrédito do outro, a sua representação como inimigo, chegando-se a uma demonização que pode fomentar conflitos”.

O antídoto mais radical ao vírus da falsidade é deixar-se purificar pela verdade”, diz o pontífice. Nessa mensagem, Francisco deixa claro que “a verdade não é apenas trazer à luz coisas obscuras (...) a verdade tem a ver com a vida inteira”, isto é, ela se encarna em relações. E continua: “o homem descobre sempre mais a verdade, quando a experimenta em si mesmo como fidelidade e fiabilidade de quem o ama. Só isto liberta o homem: ‘A verdade vos tornará livres’, disse Jesus (Jo. 8, 32)”.

Ao se referir à responsabilidade pessoal, Francisco enfatiza a importância de quem é particularmente envolvido, por profissão, na comunicação, ou seja, o jornalista a quem chama de “guardião das notícias”. Vai além da profissão, mas é uma “verdadeira e própria missão”. A centralidade deve ser sempre “as pessoas”, o que significa que “informar e formar, é lidar com a vida das pessoas”. Daí “a precisão das fontes” e a promoção de “um jornalismo de paz” (que não quer dizer um “jornalismo ‘bonzinho’), “que negue a existência de problemas graves... mas um jornalismo sem fingimentos, hostil às falsidades, a slogans sensacionalistas, a declarações bombásticas (...) um



---

jornalismo que não se limite a queimar notícias, um jornalismo empenhado a indicar soluções alternativas.

O papa finaliza seu convite para a busca da verdade incentivando a educar-nos para viver neste mundo da complexidade digital. Pois não basta apenas técnica e tecnologia para nos comunicarmos. Valores humanísticos, democráticos, e verdadeiros, a capacidade de aceitação, respeito e troca com o diferente são necessários.

São suas palavras conclusivas: “(...) educar para a verdade significa ensinar a discernir, a avaliar e ponderar os desejos e as inclinações que se movem dentro de nós, para não nos encontrarmos despojados do bem ‘mordendo a isca’ em cada tentação”.

### **Orientações à reflexão e à prática**

Conforme proposto na introdução deste trabalho, concluímos este estudo apresentando orientações à reflexão e prática de uma comunicação fundamentada na cultura do encontro e na autonomia do sujeito ante as mensagens midiáticas, assim como o papa Francisco as expressa nas mensagens para o Dia Mundial das Comunicações aqui analisadas. Nossa intenção vai ao encontro dessa postura propositiva do pontífice que, para além de um líder, é um “pastor” – para usar uma expressão eclesial -, o que significa que se preocupa e se ocupa em orientar o seu “rebanho” de fiéis ao pensamento e ação coerentes com o Evangelho e com a Doutrina da Igreja. Esse é, aliás, exatamente seu papel por cuja aplicação Francisco demonstra atuar intensamente.

Para tanto, ao analisarmos esses documentos, fizemos um inventário de novas categorias cujos significados – a nosso ver – encerram importantes orientações para a consciência e a prática de uma comunicação inspirada nessas duas importantes chaves de leitura que Francisco faz da comunicação como instrumento de construção do Reino de Deus e que, portanto, coincidem com uma perspectiva ética. São elas: diálogo; acolhida e escuta; respeito; perdão; inclusão; narração; palavra e comunhão; crítica e denúncia; valorização do positivo; busca da Verdade e jornalismo de paz. Vamos a elas:

### **Diálogo**

O papa Francisco defende a prática do diálogo como metodologia indispensável para a construção da cultura do encontro. “Precisamos harmonizar as diferenças por meio de formas de diálogo, que nos permitam crescer na compreensão e no respeito”

---

(2014), afirma o pontífice. Além disso, ele salienta o que considera uma postura indispensável àqueles que desejam dialogar: estes devem estar convencidos “de que o outro tem algo de bom para dizer, dar espaço ao seu ponto de vista, às suas propostas” (2014), ao mesmo tempo em que isso não significa “uma renúncia às próprias ideias e tradições, mas à pretensão de que sejam únicas e absolutas” (2014).

### **Acolhida e escuta**

Como um pressuposto do próprio diálogo, o papa aponta para o ato de acolher e escutar o semelhante como uma exigência para quem quer “compreender aqueles que são diferentes de nós”. Nesse sentido, ele considera que “uma pessoa expressa-se plenamente a si mesma, não quando é simplesmente tolerada, mas quando sabe que é verdadeiramente acolhida”. Com efeito, o paradigma de comunicação (não só interpessoal, mas também no universo midiático) defendido por Francisco corresponde àquele segundo o qual a comunicação significa partilha e, ao mesmo tempo, escuta, acolhimento. “Escutar é mais que ouvir. Ouvir diz respeito ao âmbito da informação; escutar, ao invés, refere-se ao âmbito da comunicação e requer proximidade” (2016).

A escuta, nessa perspectiva, implica ir além da simples condição de espectador, usuário ou consumidor. “Significa também ser capaz de compartilhar questões e dúvidas, caminhar lado a lado, libertar-se de qualquer presunção de onipotência e colocar, humildemente, as próprias capacidades e dons ao serviço do bem comum” (2016), completa o pontífice. Mas Francisco vai além e a fundo na perspectiva cristã da comunicação na medida em que aponta para a cruz como exigência fundamental para uma acolhida real do outro: “Na escuta, consuma-se uma espécie de martírio, um sacrifício de nós mesmos em que se renova o gesto sacro realizado por Moisés diante da sarça-ardente: descalçar as sandálias na ‘terra santa’ do encontro com o outro que me fala (cf. Ex 3,5)” (2016).

### **Respeito**

Na mensagem de 2016, escreveu o papa: “O acesso às redes digitais implica uma responsabilidade pelo outro, que não vemos, mas é real, tem a sua dignidade que deve ser respeitada”. Essa perspectiva é genuinamente cristã na medida em que, no processo comunicativo, a pessoa é colocada como seu centro, e não o ato de comunicar em si nem seu conteúdo. Com efeito, qual sentido evangélico de postar mensagens nas redes

---

sociais se esse ato não tem como premissa o respeito à dignidade e o bem do outro? Para o papa Francisco, a resposta é inequívoca.

### **Perdão**

Mais uma vez, o líder universal da Igreja Católica aponta para direção mais radical e, desse modo, mais profunda da visão cristã a propósito da comunicação: para além do respeito (que, inadvertidamente, pode ser confundido com o distanciamento e até a indiferença para com o semelhante), o papa propõe o perdão como “dinâmica da comunicação” ao afirmar que “uma comunicação que definha e se quebra, por meio do arrependimento expresso e acolhido, é possível reatá-la e fazê-la crescer” (2015). De fato, o perdão pressupõe um algo a mais na relação entre as pessoas, um suplemento de confiança e, por essa razão, sua iniciativa custa e, em alguns casos, custa muito. No entanto, seu poder revolucionário é visto pelo papa como condição para o desenvolvimento do processo comunicativo.

### **Inclusão**

Esse é um argumento bastante presente nos discursos do papa, a exemplo das mensagens para o Dia Mundial das Comunicações, especialmente ao se referir àqueles que se encontram nas “periferias existenciais”. “Como filhos de Deus, somos chamados a nos comunicar com todos, sem exclusão”, diz Francisco na mensagem de 2016. Nessa mesma mensagem, ele enfatiza que “a comunicação tem o poder de criar pontes, favorecer o encontro e a inclusão, enriquecendo assim a sociedade”. Ainda sob esse aspecto, o papa evidencia que as famílias nas quais há pessoas com deficiência “muito têm para nos ensinar, a propósito de limitações e comunicação” e no que diz respeito a “um estímulo para se abrir, compartilhar, comunicar de modo inclusivo” (2015). Com efeito, vista como uma grande família cujo único pai é Deus, a humanidade tem o compromisso de incluir a todos, especialmente os vitimados por toda sorte de limitação e conseqüente preconceito.

### **Narração**

Ao contrário das demais categorias aqui apresentadas nesse inventário final de nosso artigo, a narração não diz respeito exatamente a um valor evangélico, mas a uma prática sobre a qual o papa Francisco chama a atenção para seu valor. “Assim o desafio

---

que hoje se nos apresenta é aprender de novo a narrar, não nos limitando a produzir e consumir informação, embora esta seja a direção para qual nos impelem os potentes e precisos meios da comunicação contemporânea”, afirmou na mensagem de 2015.

O papa parece apontar para a necessidade que as pessoas têm de não se limitarem a serem consumidores passivos de informação, mas autores protagonistas de suas próprias narrativas cujo testemunho pode ser reflexo do Evangelho para os demais. “Narrar significa compreender que as nossas vidas estão entrelaçadas numa trama unitária, que as vozes são múltiplas e cada uma é insubstituível” (2015). A esse propósito, ao se referir às parábolas presentes nos Evangelhos, Francisco afirma que “o recurso a imagens e metáforas para comunicar a força humilde do Reino não é um modo de reduzir a sua importância e urgência, mas a forma misericordiosa que deixa, ao ouvinte, o ‘espaço’ de liberdade para comunicar a beleza paradoxal da vida nova em Cristo, onde as hostilidades e a cruz não anulam, mas realizam a salvação de Deus” (2017).

### **Palavra e comunhão**

O uso da palavra é evidentemente um dos mais elementares recursos de comunicação disponíveis ao ser humano. Exceto, no entanto, quando ela é usada para dividir as pessoas. E é justamente a principal perspectiva do papa Francisco a respeito do uso da palavra que, justifica aqui, a sua relação direta com o termo “comunhão”. Diz o papa: “As palavras podem construir pontes entre as pessoas, as famílias, os grupos sociais, os povos” (2016), razão pela qual “a palavra do cristão visa fazer crescer a comunhão e, mesmo quando deve com firmeza condenar o mal, procura não romper jamais o relacionamento e a comunicação” (2016). Afirma ainda Francisco em defesa da palavra que cria comunhão: “Só palavras pronunciadas com amor e acompanhadas por mansidão e misericórdia tocam os nossos corações de pecadores” (2016).

### **Crítica e denúncia**

Mas a palavra que gera comunhão não anula a necessidade de realizar a crítica ou mesmo a denúncia, quando estas são imprescindíveis. O importante é que a crítica ou a denúncia seja feita na medida certa e sobre o alvo correto. “Podemos e devemos julgar as situações de pecado – violência, corrupção, exploração etc. -, mas não podemos

---

julgar as pessoas, porque só Deus pode ler profundamente no coração delas”, ensina o papa Francisco.

### **Valorizar o positivo**

A pedagogia que o papa Francisco parece demonstrar – típica de um pastor que se ocupa em ser construtivo e animar seus fiéis, nesse caso, no exercício de uma comunicação fundamentada nos valores do Evangelho – aponta para a iniciativa de, sempre que possível, valorizar o positivo a respeito dos fatos, contextos e temas, exatamente ao contrário do que, muitas vezes, tende a fazer a grande mídia. “Creio que há necessidade de romper o círculo vicioso da angústia e deter o espiral do medo, resultante do hábito de se fixar a atenção nas ‘notícias más’ (guerras, terrorismo, escândalos e todo o tipo de falimento nas vicissitudes humanas)” (2017).

Por outro lado, o pontífice argumenta que não se trata de promover a desinformação, ignorar o sofrimento e cair num otimismo ingênuo ou na resignação, que tende à apatia. No entanto, Francisco insiste na necessidade do cristão em decifrar a realidade segundo a perspectiva da “boa notícia”. “Esta boa notícia, que é o próprio Jesus, não se diz boa porque nela não se encontra sofrimento, mas porque o sofrimento é vivido num quadro mais amplo, como parte integrante do seu amor ao Pai e à humanidade” (2017). O papa fala de um fio condutor segundo o qual é possível compreender a realidade dos fatos à luz da ação de Deus: “o fio, com que se tece esta história sagrada, é a esperança, e aquele que o tece só pode ser o Espírito Consolador” (2017).

### **Busca da Verdade**

Na mensagem para o Dia Mundial das Comunicações de 2018, o papa Francisco faz sua reflexão voltada à problemática das *Fake News* em contraposição à exigência da Verdade. Combater essas notícias mentirosas é um compromisso para com a Verdade, já que os efeitos das *Fake News* podem ser “perigosos”. Ele se dirige especialmente aos jornalistas: “Gostaria, assim, de contribuir para o esforço comum de prevenir a difusão das notícias falsas e para redescobrir o valor da profissão jornalística e a responsabilidade pessoal de cada um na comunicação da verdade”. O papa aponta para uma das razões básicas para o sucesso das notícias falsas: “a sua natureza mimética, ou

---

seja, a capacidade de se apresentar plausíveis”, a qual ele associa ao uso manipulador das redes sociais e das lógicas próprias para o seu funcionamento.

Sob a ótica da cultura do encontro, o papa afirma que a busca da verdade está intimamente relacionada à construção dos relacionamentos. “Para discernir a verdade”, afirma Francisco, “é preciso examinar aquilo que favorece a comunhão e promove o bem e aquilo que, ao invés, tende a isolar, dividir e contrapor”. E continua: “Por isso, a verdade não se alcança autenticamente quando é imposta como algo de extrínseco e impessoal”. Com efeito, “o melhor antídoto contra as falsidades não são as estratégias, mas as pessoas”, conclui o pontífice.

### **Jornalismo de paz**

Na mesma mensagem para o Dia Mundial das Comunicações de 2018, o papa Francisco, ao contrapor a difusão das *Fake News*, conclama os profissionais de imprensa e a todos que fazem uso da comunicação social a serem jornalistas (entenda-se comunicadores num sentido mais amplo) de paz: “o jornalista, guardião das notícias (...) tem o dever de lembrar que, no centro da notícia, não estão a velocidade em comunicar-se nem o impacto sobre a audiência, mas as pessoas”, o que reforça, mais uma vez, o paradigma da cultura do encontro. Francisco apresenta um breve perfil desse tipo de jornalista para quem o jornalismo é “feito por pessoas e para pessoas, especialmente aquelas – e no mundo, são a maioria – que não têm voz”. Pelas pessoas, o jornalista de paz busca uma compreensão das raízes dos fatos e se empenha em indicar soluções alternativas à violência verbal.

### **Considerações finais**

Ao concluir este artigo, queremos apenas ratificar sua proposta inicial: a de produzir uma leitura crítica e cuidadosa das mensagens do papa Francisco para o Dia Mundial das Comunicações no período de 2014 a 2018. É uma leitura de reconhecimento das posições do pontífice a respeito de temas da comunicação da atualidade, avaliados à luz da perspectiva ética que é própria do Evangelho e da doutrina da Igreja. Para além disso, quisemos apresentar o que chamamos de orientação à reflexão e à prática comunicacional feitas por Francisco segundo essa mesma

perspectiva ao apresentar categorias de pensamento claramente reconhecíveis nas mensagens do papa. Acreditamos, pois, que esses objetivos centrais foram cumpridos.

Naturalmente, esse exercício de produção intelectual é apenas uma primeira contribuição para que novas reflexões sejam feitas a respeito do pensamento do líder universal da Igreja Católica, bem como sirvam de parâmetro para avaliar práticas reais e concretas de comunicação produzidas tanto no seio da comunidade eclesial quanto em termos da sociedade como um todo. O confronto do discurso com a prática e, particularmente, o reconhecimento do sucesso ou do fracasso da aplicação desse pensamento do papa para a prática comunicacional é um exercício a ser feito continuamente e que pode servir de luz, inspiração e instrumento de crítica para uma comunicação que seja, de fato, voltada para a pessoa e para a construção de relações fundamentadas na verdade e na paz.

Por fim, a universalidade de mensagem do papa – a despeito do fato dele representar uma determinada instituição dentro de um segmento religioso mais amplo – justifica, como afirmamos anteriormente, o olhar dos comunicadores em geral (profissionais ou não) sobre essa orientação ética proposta por Francisco. De fato, a discussão ética sobre a prática comunicacional é uma necessidade sempre recorrente, uma vez que o produto desse tipo de atividade tem uma incidência indiscutivelmente importante sobre as pessoas, suas ideias e comportamentos. Atualizar, pois, essa reflexão à luz de valores que – à parte sua dimensão religiosa e/ou espiritual – dizem respeito à existência humana é um imperativo a ser seguido por todas as pessoas, quer sejam comunicadores, quer sejam cidadãos em geral.

## REFERÊNCIAS

*COMMUNIO ET PROGRESSIO* 1975. In DARIVA, Noemi (org.) **Comunicação Social na Igreja**. *Inter Mirifica* 40 anos – 1963-2003. São Paulo: Paulinas, 2003.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Pastoral *Gaudium et Spes***. São Paulo: Paulus, 1997. (Coleção Documentos da Igreja).

----- **Decreto Conciliar *Inter Mirifica***. São Paulo: Paulus, 1997 (Coleção Documentos da Igreja).

FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*, doc.198. São Paulo: Paulinas, 2013.

----- Carta Encíclica *Laudato Sí'*, doc. 201. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO - Dia Mundial das Comunicações- 2014 – “Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro”. Disponível em [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco\\_20140124\\_messaggio-comunicazioni-sociali.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html). Acesso 15 dez 2018.

----- Dia Mundial das Comunicações- 2015 – “Comunicar a família: ambiente privilegiado do encontro na gratuidade do amor”. Disponível em [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco\\_20140124\\_messaggio-comunicazioni-sociali.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html). Acesso 15 dez 2018.

----- Dia Mundial das Comunicações- 2016 – “Comunicação e Misericórdia: um encontro fecundo”. Disponível em [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco\\_20140124\\_messaggio-comunicazioni-sociali.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html). Acesso 15 dez 2018.

----- Dia Mundial das Comunicações- 2017 – “Comunicar esperança e confiança, no nosso tempo”. Disponível em [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco\\_20140124\\_messaggio-comunicazioni-sociali.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html). Acesso 15 dez 2018.

----- Dia Mundial das Comunicações- 2018 – “*Fake news* e jornalismo de paz”. Disponível em [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco\\_20140124\\_messaggio-comunicazioni-sociali.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html). Acesso 15 dez 2018.

FRANCISCO - [www.gaudiumpress.org/content/101560-Antes-de-tecnologizar-o-homem--humanizar-a-tecnica--diz-Papa-na-Academia-para-a-Vida](http://www.gaudiumpress.org/content/101560-Antes-de-tecnologizar-o-homem--humanizar-a-tecnica--diz-Papa-na-Academia-para-a-Vida). Acesso 4 março 2019

PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi*. São Paulo: Paulinas, 2006.